

PARA SEMPRE

F.T. LUKENS



PARA SEMPRE

✦ F.T. LUKENS

TRADUÇÃO
SARAH BENTO PEREIRA

FARO  EDITORIAL

SO THIS IS EVER AFTER © 2022 BY F.T. LUKENS
JACKET ILLUSTRATION © 2022 BY SAM SCHECHTER
JACKET DESIGN BY REBECCA SYRACUSE © 2022 BY SIMON & SCHUSTER, INC.
ALL RIGHTS RESERVED, INCLUDING THE RIGHT OF REPRODUCTION IN WHOLE OR IN PART IN ANY FORM.

PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH MARGARET K. MCELDERRY BOOKS, AN IMPRINT OF SIMON & SCHUSTER CHILDREN'S PUBLISHING DIVISION

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Assistente editorial: **JESSICA SILVA**

Preparação: **GABRIELA DE AVILA**

Revisão: **CRIS NEGRÃO E OLIVIA FRADE ZAMBONE**

Ilustração do miolo: **TITHI LUADTHONG | SHUTTERSTOCK**

Adaptação de capa e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Lukens, F.T.

Para sempre / F.T. Lukens ; tradução de Sarah Bento Pereira. — 1. ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2022.

256 p.

ISBN 978-65-5957-198-7

Título original: So this is ever after

1. Ficção norte-americana 2. Homossexualidade 3. Literatura fantástica
I. Título II. Pereira, Sarah Bento

22-2313

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

1

EU IMAGINEI COMO SERIA DECAPITAR O PERVERSO DESDE QUE O VELHO BRUXO apareceu na minha porta, no dia seguinte do meu aniversário de dezessete anos, e me contou o meu destino: eu seria a pessoa que acabaria com a sombra do mal que governava o nosso reino. Bem, não desde aquele momento especificamente, porque quem acreditaria em um estranho, bêbado, com um chapéu torto, carregando um cajado que zumbia? Ninguém. Ninguém mesmo! Pelo menos, ninguém deveria acreditar. É perigoso.

Deixe-me explicar melhor. Eu imaginei esse momento depois que tomamos chá, ele me contou algumas coisas e falou sobre *a profecia*. O que não me parecia real — tipo, bem impossível e totalmente improvável — até que puxei uma espada mágica de um pântano e um feixe de luz desceu do céu e me consagrou com um propósito sobrenatural.

Depois disso, eu continuei imaginando o que aconteceria quando eu separasse a cabeça do Perverso dos seus ombros na dramática batalha final. O corte seria preciso. Haveria sangue, então a cabeça rolaria pelos degraus do trono e pararia aos pés do meu melhor amigo. Todos aplaudiriam e eu finalmente seria o herói profetizado. Eu me *sentiria* diferente. Honrado. Incrível. Realizado. Enfim, adulto.

Mas como as coisas parecem ter acontecido desde o início de toda essa jornada, infelizmente, não foi o que aconteceu. Nem perto disso.

Guiado pela adrenalina e pela força, girei a minha espada para dar o golpe mortal, esperando remover a cabeça do Perverso de forma precisa. Em vez disso, a ponta cega afundou no meio do pescoço e parou na coluna vertebral. Huh. Quem imaginaria que armas de profecias não viriam prontas para uso? Ao que parece, as espadas mágicas que saltam dos pântanos não vêm afiadas.

Confuso com a mudança inesperada dos eventos, eu congelei por tempo suficiente para chamar a atenção do grupo de justiceiros que me apoiava.

— Arek! — Sionna gritou de algum lugar no caos. — Acabe com ele!

Arranquei a espada da garganta do Perverso, dando o meu melhor para ignorar a expressão surpresa em seu rosto — a boca aberta, os olhos arregalados, o jorro de sangue escorrendo por suas roupas negras —, ataquei de novo. E mais uma vez. Golpeei o corpo que se contorcia, caído para trás e afundado na frente do trono, escorado como um boneco grotesco, até ter a certeza de que ele estava morto e que nenhuma magia poderia trazê-lo de volta.

Enfim, o pescoço cedeu e a cabeça caiu no chão, espatifando como uma abóbora madura. Olhos mortos me olhando, lábios finos repuxaram os dentes amarelados em uma paródia de um grito. Uma imagem que, sem dúvidas, alimentaria meus pesadelos por pelo menos os próximos meses, e provavelmente pelo resto da minha vida.

Eu também havia imaginado erguer a cabeça do Perverso pelos cabelos e segurá-la como uma espécie de troféu, já que toda a feitiçaria que ele usou para roubar o trono e controlar o reino acabaria enquanto o povo aplaudia. Só que o Perverso era careca, e de jeito nenhum eu pegaria aquela cabeça porque *eca*.

Além disso, *nada aconteceu*. Nenhum clarão, nenhuma mágica, nenhuma música vitoriosa, nenhum alarde. Nada.

Huh.

De um jeito decepcionante, não me sentia diferente em nada, a não ser pegajoso. E completamente exausto, além de enjoado. Não houve aplausos dos espectadores, embora o som de vômito fosse nítido por cima de meu ombro direito.

Limpei meu rosto ensanguentado com a bainha da túnica, mas só consegui manchar ainda mais. Meu peito pesava, meus braços doíam. Eu me virei, cambaleando nos degraus, e examinei o caos da sala atrás de mim. A luta havia acabado. Meus amigos estavam todos de pé, espalhados como dados lançados, mas vivos. Os seguidores do Perverso — distinguíveis por suas vestes negras e tatuagens no pescoço, — estavam mortos, fugindo ou ajoelhados em sinal de derrota.

Apoiei-me pesadamente na espada, mal resistindo à vontade de cair ali mesmo nos degraus de pedra e tirar uma soneca. Em vez disso, cambaleei até o piso principal.

— Você tá bem? — Matt perguntou.

Ele tinha manchas de fuligem nas mangas, rasgos na roupa e um corte acima do olho que sangrava lentamente. Seu cabelo castanho grudava na cabeça com o suor. Ele cheirava a magia, e segurava seu cajado na mão — a joia verde brilhante na ponta como uma estrela —, mas enquanto estávamos juntos no pós-luta, seu poder enfraquecia.

Uma outra ideia que eu tinha criado na minha cabeça sobre a vitória incluía carregar Matt em meus braços e declarar a ele meu amor eterno. Mas, como estava literalmente coberto de sangue, não achei que Matt iria gostar de um abraço, nem de um grande gesto ou até mesmo de um tapinha no ombro. Não enquanto a adrenalina diminuía, e nós dois tremíamos de exaustão.

— É, estou bem. E você?

— Também. — Ele deu um sorriso fraco. — Acabou.

— Acabou mesmo. — Passei minha mão pelo meu cabelo. — Só que é supernojento.

— Com certeza. Foi, por falta de uma palavra melhor, cruel.

— Boa definição. — Estendi meu punho, e ele bateu os nós dos dedos contra os meus.

Bethany apareceu de um dos lados — a pequena harpa em uma das mãos — enxugando os fios de vômito da boca com a manga. Ela tirou uma mecha de cabelo ruivo e suado da bochecha, lançou um olhar para o trono, ficou verde e desapareceu outra vez. Os sons de sua ânsia de vômito ecoaram no silêncio assustador da sala do trono.

Sionna revirou os olhos e limpou a espada em um corpo deitado de braços antes de embainhá-la. Sua pele negra estava salpicada de sangue, porém bem menos que a minha. Ela, sem dúvida, havia afiado sua espada. Seu cabelo preto ainda balançava no rabo de cavalo alto, os fios que escapavam emolduravam seu rosto e, embora seus ombros demonstrassem alívio, os passos eram enérgicos como sempre. Cada centímetro de seu corpo era de uma guerreira. Cada centímetro era maravilhoso. E cada centímetro era a razão de muitas das minhas ereções inconvenientes durante essa missão.

— Vou ver como ela está — avisou.

Eu limpei a minha garganta.

— Boa ideia.

Ela saiu da sala pelo mesmo arco que Bethany. Matt e eu nos entreolhamos, tenho certeza de que estávamos no mesmo barco em relação às ereções; mas, mesmo se não estivéssemos, pelo menos ele ainda estava ao meu lado. Ainda bem que essa parte da minha visão fora cumprida. Temos sido melhores

amigos desde que éramos meninos, e seríamos melhores amigos para sempre se pudesse escolher, independentemente de bruxos estranhos, cajados brilhantes, profecias enigmáticas e paixões secretas.

— Vocês dois estão bem?

Assustado, eu me virei.

Lila estava no tapete roxo que conduzia ao trono. Normalmente suas botas de salto macio faziam pouco barulho, mas no tapete ela não fazia qualquer som. Com o capuz puxado para cima, seu rosto estava parcialmente escondido, mas eu conhecia a saliência familiar de seu queixo e o arco da boca. Ela tinha um saco cheio sobre um ombro.

— Sim, estamos bem. Exaustos e — Matt gesticulou em direção à forma sem cabeça — um pouco traumatizados, mas... — ele parou de falar, suas sobrancelhas se juntaram demonstrando sua confusão. — Você tem saqueado?

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco. — Ela largou a bolsa abarrotada com um barulho alto.

— Lila! — Coloquei minhas mãos em meus quadris, uma tarefa difícil quando se segura uma espada. — Devolva tudo.

— Não.

— Agora.

— Não.

— Mas... mas... — eu gaguejei. — O que você tem aí?

— Ah, você sabe: pilhagem, espólios, riquezas, o de sempre.

Matt franziu os lábios.

— Isso é muito vago.

Ela deu um sorriso pretensioso.

— Exatamente.

— Aqui estão vocês! — A voz veio de trás de nós e, mais uma vez, me vi virando rápido com a espada erguida. Rion se apoiou nas pesadas portas de madeira por onde havíamos invadido minutos antes. Com exceção de sua armadura suja, ele parecia quase intocado pela batalha. Ele sorriu quando nos viu, inclinando sua espada manchada de sangue em reconhecimento.

Relaxe e soltei um suspiro.

— Vocês podem, por favor, parar de chegar sorrateiramente? Eu tive um *dia daqueles*.

— Acabou? — Rion perguntou, sem comentar nada sobre minha explosão. Em vez disso, seu olhar vagou ao redor da sala do trono até que pousou naquele corpo.

— Acho que sim? — Matt respondeu. — Quer dizer — ele gesticulou de maneira desamparada —, é isso. Certo?

Sionna voltou da sala ao lado com o braço enlaçado no de Bethany. Bethany vacilou, mas tinha parado de vomitar. Todo o nosso grupo estava agora na sala do trono. Olhamos um para o outro, ninguém falava, apenas existia naquele momento de súbita calma após a tempestade.

Inspecionei meus amigos, garantindo a mim mesmo que havíamos conseguido, que todos estávamos ali seguros. Bethany, nossa barda, estava encostada na parede, o olhar fixo na janela quebrada do outro lado da sala, bem longe do coto do pescoço ensanguentado ao pé do trono. Ela era carismática e mágica, essencial para o nosso sucesso com sua habilidade de entrar ou sair de qualquer situação. Sionna agarrava o braço dela, emprestando-lhe sua força. Sionna era uma lutadora, tranquila e mortal, tão destemida quanto perigosa. Lila, a trapaceira, estava de pé no tapete, a bolsa de saque aos seus pés. Ela era habilidosa e conspiratória, seu passado envolto em mistério, assim como suas motivações. Matt, o mago, meu melhor amigo, meu confidente, minha paixão secreta e o lançador de feitiços arcanos, segurava seu cajado na curva suave de sua mão. E Rion, o cavaleiro, estava no final do nosso círculo. Ele era corpulento e forte, o mais velho do grupo, só que mal se tornara um adulto, unido ao nosso grupo por um juramento sagrado.

Então havia eu: Arek, o Escolhido. O cumpridor da profecia, em pé, desajeitado, na frente do trono. De alguma forma, essa bagunça desordenada de personalidades, experiências duvidosas e higiènes questionáveis se juntaram e completaram o impossível. Nós salvamos o reino. *Putá merda. Nós* havíamos salvado o reino. *Esse* era o momento. *Essa* era vitória.

Lila acenou com a cabeça de um jeito brusco, e então agarrou sua sacola e jogou-a sobre o ombro.

— Ótimo. Bem, isso tem sido divertido, mas tô fora.

— Você tá fora? — Matt mancou pra frente dela. Estreitei meus olhos. Ele não havia mencionado um ferimento. Aquele pateta provavelmente torceu o tornozelo quando subimos correndo as escadas da entrada nos esquivando das flechas. — O que você quer dizer com isso?

Lila encolheu os ombros.

— A missão está concluída. Acabou. Nós vencemos. Eu ajudei. — Ela ergueu o saco. — Peguei minha recompensa. Estou indo.

— Espera — Bethany se endireitou do seu encosto perto da parede. — Você não pode simplesmente *ir*.

— Por que não?

— Você não quer estar aqui para o que acontece a seguir? — ela perguntou.

Lila ergueu uma sobrancelha.

— O que acontece a seguir?

O resto do grupo se entreolhou em silêncio, inseguro. A pergunta pairava sobre a sala, como as bandeirolas pretas que balançavam frouxamente com a leve brisa contra a pedra. Bethany encolheu os ombros, Sionna piscou, Rion bateu os dedos em sua armadura manchada, e a boca de Matt curvou-se naquela pequena carranca engraçada que ele sempre fazia quando estava pensando.

Bem, pelo menos todos nós sabíamos a pergunta, mas parecia que ninguém tinha uma resposta.

Perfeito.

Foi Rion quem quebrou o silêncio constrangedor quando pigarreou.

— Um novo governo precisa ser instalado. Ele — Rion disse, erguendo o queixo em direção ao corpo — era o governante do reino, por mais malvado que fosse. Ele matou toda a família real, exceto a...

— Oh — Matt interrompeu, endireitando-se de seu impressionante apoio em seu cajado —, devemos encontrar a princesa.

Franzi minha sobrancelha.

— Ela não está trancada em uma torre?

— Aham que precisamos acordá-la de um sono eterno? — Bethany perguntou. — Com um beijo de amor verdadeiro?

— Acredito que é uma missão diferente. — Lila deixou o saco cair, o conteúdo retinindo. — Ela não tem que jogar o cabelo pela janela?

— Não — Sionna respondeu. — Temos que adivinhar o nome dela.

— Todos vocês estão errados. — Matt acenou com a mão. — Nós só precisamos ajudá-la a sair de lá.

— Bem, isso não parece o certo — Bethany disse com as mãos na cintura. — Tem certeza?

Matt suspirou e vasculhou a bolsa ao seu lado.

— A profecia...

O grupo inteiro gemeu. Todos conhecíamos a profecia. Nós a havíamos lido. Matt nos deu uma extensa palestra sobre ela. Eu poderia recitá-la de cor com as mãos amarradas nas costas enquanto era espancado com varas por gnomos furiosos. Bem, quase tudo, exceto por uma seção que foi bastante manchada por vinho. Mas eu não mencionei isso porque era algo doloroso e eu não queria ser o alvo de um dos olhares fulminantes de Matt.

Implacável, Matt puxou o pergaminho de sua bolsa e agitou o rolo em nossa direção como se estivesse nos repreendendo.

— A profecia não menciona o beijo do amor verdadeiro, cabelo comprido ou adivinhação de nomes.

— Você a pegou apenas para nos dizer isso? — Lila cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha.

Os lábios de Matt se torceram em uma carranca.

— Estou provando a vocês.

— Que você é pedante? — Bethany perguntou, com um sorriso falso estampado em seu rosto, apesar de parecer um pouco verde ao redor de suas guelras. — Porque estamos cientes.

— Você tem vômito no cabelo — Matt retrucou, colocando o pergaminho em sua mochila.

— Ok, ok. — Levantei minhas mãos e me dirigi ao grupo. — Vamos todos tirar um momento para respirar.

Lila torceu o nariz na minha direção.

— Antes de embarcarmos em qualquer missão paralela, todo mundo precisa de banho. E de comida.

— Ei! Acabei de matar o Perverso. — Apontei para o cadáver decapitado atrás de mim para dar ênfase. — Me dá uma folga.

Rion pigarreou.

— Antes de ser interrompido, eu tinha algo a dizer.

Gesticulei para ele.

— Continue então.

— Tão autoritário — Matt sussurrou, dando risadinhas.

Mordi meu lábio para impedir minha risada. Estava coberto de sangue e alguns dos residentes do castelo colocaram a cabeça para fora de seus esconderijos. Rir histericamente não passaria uma boa impressão.

— A questão é que, sem nenhuma família real para assumir o trono, e você sendo o indivíduo que cortou a cabeça do Perverso, a tarefa de governar o reino recai sobre os seus ombros.

Huh. Ele disse cortador de cabeças. O nome era bom, mas poderia haver um título melhor no futuro. Era melhor cortar a ideia pela raiz.

Cruzei meus braços.

— Não vamos usar “cortador de cabeças”, por favor. E há uma princesa em uma torre que é a governante legítima. Eu sou apenas... um peão profético.

— Sim, mas até que ela seja libertada, você é o monarca de direito. — Rion acenou com a cabeça para o trono vazio.

Balancei a minha cabeça.

— Mas eu não quero ser o monarca de direito.

— Arek — Sionna falou, beliscando a ponta do nariz. — Não podemos deixar o trono livre enquanto completamos a missão paralela.

— Mas...

— Você realmente quer ter de fazer tudo isso de novo — Bethany choringou enquanto acenava com as mãos de maneira enfática — se alguém ainda pior se sentar ali enquanto estivermos fora e assumir o trono? — Ela agarrou a harpa com mais força e sem olhar para o corpo sem cabeça caído nas proximidades. — Ou quer evitar tudo isso e se proclamar rei por algumas horas?

Lancei um olhar para Matt, que deu de ombros, a expressão nada tranquilizadora. Ugh, eu realmente desejava que tudo isso acabasse porque eu queria conversar com ele em *particular* e fazer toda a coisa de confessar o que estava me corroendo por meses. Colocar a coroa de um homem morto parecia o oposto de encerrar a missão, mas não podia negar que o ponto de Bethany era válido. Eu *não* queria fazer tudo aquilo de novo.

— Eu... hum... eu...

Rion interpretou minha gagueira como aceitação. Ele desembainhou a espada e se ajoelhou no chão de pedra.

— Todos saúdem o Rei Arek!

— Ah, não! — Ergui minhas mãos. — Não. Pare com isso. Não faça isso.

Bethany dedilhou sua harpa, seus lábios pálidos se curvaram em um sorriso malicioso.

— Todos saúdem o Rei Arek — ela cantou, e com a magia do instrumento, a declaração foi amplificada em um coro de vozes. *Vadia*.

A proclamação ecoou na pequena sala e, do nada, todos se ajoelharam: os poucos servos que haviam vagado durante a confusão, o restante dos seguidores do Perverso e meus companheiros de jornada, meus amigos, aqueles idiotas traidores.

— Pegue a coroa — Matt pediu, me cutucando com o ombro, bastante alegre com a situação. Seus lábios se curvaram em um sorriso presunçoso que se fixou em seu rosto incrível. Ele ajoelhou. — Coloque.

— Não. Está na cabeça... na cabeça *decepada*. Isso é nojento.

— Você está de luvas, vai dar tudo certo.

— E depois? Coloco na *minha* cabeça? Foda-se isso. Vai cair sangue no meu cabelo.

— Já tem sangue no seu cabelo. Tem sangue em você todo.

— Não seja covarde — Lila atçou. Ela foi a última a se ajoelhar, mas o fez, o que foi surpreendente. Ela até puxou o capuz, revelando as longas tranças de seu cabelo loiro e suas orelhas pontudas. — Vai logo.

— Vai logo — Matt sussurrou, dando risada.

Lila estendeu a mão e pressionou um único dedo no meu braço.

— Pressão dos colegas.

— Ugh. — Eu marchei até a cabeça, pensei no que deveria fazer e... não. Colocar uma coroa ensanguentada não fazia parte da missão. Nem toda aquela história de governar. Não faz parte do acordo de forma alguma. Mas, pelas aparências, e até que a verdadeira herdeira da torre fosse libertada, imaginei que governar por algumas horas não seria tão ruim, especialmente se calasse os cantos irritantes.

Arranquei a coroa dourada da cabeça. Ela rolou até a beirada do degrau e balançou por um agonizante segundo antes de cair e atingir o piso com um estalo indutor de vômito. Engoli a bile, tentando desesperadamente não dar uma de Bethany na frente dos meus futuros súditos. Tirando a figura sem vida do caminho, subi as escadas restantes e fiquei em frente ao trono.

Ele era ornamentado de uma forma ameaçadora, com terríveis monstros gravados na decoração e intimidantes por si só. Não deveria ser, era apenas uma cadeira, mas hesitei diante da ideia de me sentar onde o cara que acabei de matar costumava se sentar.

Respirei fundo.

— Tudo bem, então. — Apesar das minhas dúvidas, coloquei a coroa na cabeça, virei-me rapidamente e me afundei no trono, que não era nada confortável.

Eu não sei o que de fato aconteceu naquele momento, mas algo na sala inchou e estalou, então quebrou sobre mim em uma onda de calor e potencial. Os pelos dos meus braços se arrepiaram e um tremor percorreu a minha espinha. Era como estar em um campo durante uma tempestade que se aproxima, enquanto a pressão e a expectativa de algo muito maior do que eu se manifestavam sobre mim, um lembrete do milagre inerente à magia e ao mundo e do meu lugar nele. Em um instante, fui inundado com a música de todos que vieram antes, e como todas as estradas me levaram até ali, para aquele lugar, para aquele momento, para aquele papel.

Durou o tempo de uma respiração, e então se evaporou.

O canto cessou. Eu me contorci, tentando encontrar uma posição que não machucasse minhas costas. Todos me encaravam. É, isso foi uma má ideia. Quase tão ruim quanto sair de casa no meio da noite, nove meses atrás, segurando o pergaminho profético que me trouxe até aqui, com Matt atrás de mim.

— Diga alguma coisa — Sionna sibilou.

— Oh. — Inclinei-me para a frente, sacudindo-me do estupor. — Hum. O Perverso está morto, eu o matei. Portanto, assumo o trono de Ere, no reino de Chickpea, e me declaro Rei Arek. — Lambi meus lábios rachados. — Mas só até libertarmos a princesa da torre. Meu reinado será por algumas horas, no máximo. Um rei interino, se desejarem. Eba. Uhull. E tudo isso.

Sionna bufou.

— Discursou como um verdadeiro estadista — Matt comentou com um sorriso.

Lila revirou os olhos. Ainda pálida, Bethany tocou algumas cordas em sua harpa, e minhas palavras ecoaram por todo o castelo e nos jardins.

Seguiu-se uma salva de palmas educadas.

— Podemos... uh... — Engoli em seco. — Podemos ficar com o cômodo, por favor? E talvez ter uma equipe de limpeza?

Os poucos intrusos se espalharam, incluindo os últimos seguidores vivos remanescentes do Perverso, e logo a sala estava vazia, exceto por nós e os mortos.

— Vocês sentiram isso?

Eles piscaram para mim.

— Sentimos o quê? — Bethany perguntou. Ela agarrava o estômago com uma das mãos. — Enjoos? Sim.

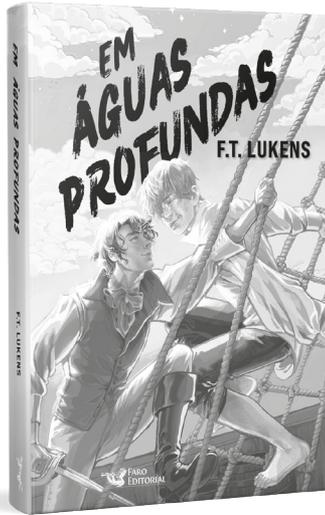
— Não. A magia? Matt, você fez alguma coisa?

Ele franziu a testa.

— Não que eu saiba.

— Huh. — Podia ter sido a liberação do estresse, o recuo da adrenalina, que me deixara com frio e tremendo, mas sabia que não. Após nove meses da porra profética, eu reconhecia a presença da magia. A forma como o calor e o poder tomaram conta de mim no trono foi como o choque formigante de quando Matt usa seu cajado ou o varrer da promessa mística quando toquei a espada pela primeira vez no pântano. Havia mais magia na sala do trono do que eu gostaria de fazer parte, e quanto mais cedo encontrássemos a princesa e a instalássemos como rainha, mais cedo eu terminaria de ser o peão do destino.

LEIA TAMBÉM



ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JULHO DE 2022